

POÉTICA DO HABITANTE-CRIADOR: REFLEXÕES DE EXPERIÊNCIAS PROCESSUAIS NA CRIAÇÃO EM DANÇA

POETICS OF THE INHABITANT-CREATOR: REFLECTIONS ON PROCEDURAL EXPERIENCES IN DANCE CREATION

Mayrla Andrade Ferreira dos Santos
UFPA

Resumo

O presente texto tem como objetivo refletir sobre aspectos da poética do habitante-criador (Ferreira; Santos, 2016) experienciados em processos de criação (Lobo; Navas, 2008) em dança. A reflexão apresentada parte do projeto de pesquisa *Habitante-criador: investigações dos modos de ser e habitar a cidade*, coordenado pela autora, no Instituto de Ciências da Arte da UFPA, em parceria com a Ribalta Companhia de Dança de Ananindeua (PA). Articula-se a abordagem do corpo em movimento (Fernandes, 2006) na dinâmica corpo-espço (Miranda, 2008) que nasce da experiência com o lugar que habitamos e suas interfaces entre pesquisa, criação e realização de obras coreográficas. Destacamos três dispositivos de investigação da poética (Louppe, 2012), que vêm sendo recorrentes nos exercícios em sala e nas pesquisas de campo: 1) O propósito do habitar; 2) Cohabitações; 3) Coreo-habitações que emergem do discurso pelo corpo. Consideramos, portanto, a dança de si como forma de elucidar a poética do habitante-criador a partir das experiências pessoais

Palavras-chave:

Poética; habitante-criador; processo de criação; dança; habitar.

Abstract

*This text aims to reflect aspects of the poetics of the inhabitant-creator (Ferreira; Santos, 2016) as experienced in the processes of creation (Lobo; Navas, 2008) within the realm of dance (Lobo; Navas, 2008). The reflection provided is grounded in the research *Habitante-criador: investigações dos modos de ser e habitar a cidade*, coordinated by the author, at the UFPA Art Sciences Institute in collaboration with the Ribalta Dance Company from Ananindeua (PA). The concept of the body in motion (Fernandes, 2006) is interwoven with the dynamic of body-space (Miranda, 2008), which emerges from our engagement with the spaces we occupy and the connections between research, creation, and the performance of choreographic works. We emphasize three devices for exploring poetics (Louppe, 2012), which have frequently appeared in classroom exercises and field research: 1) The purpose of inhabiting; 2) Cohabitations; 3) Choreo-habitations that emerge from discourse through the body. Consequently, we regard the dance of the self as a means of clarifying the poetics of the inhabitant-creator, drawing upon individual experiences.*

Keywords:

Poetics; inhabitant-creator; creation process; dance; inhabit.

O habitante-criador se faz na potente dança do ambiente onde habita. Seus pés caminham entre a terra barrosa e o calor do asfalto, suas mãos tocam as águas dos rios, sua profusão de vozes estão entre ilhas e bairros desvelando seus modos de engajamento local. Habitar e criar fluem e atravessam, por seus saberes e fazeres, em seus modos processuais de criação em dança.

Desde 2010, a habitante-criadora destes escritos vem empenhando seus esforços em compreender os aspectos práticos e teóricos no desvelar da poética do habitante-criador, especialmente pelo desenvolvimento de reflexões através da criação de obras coreográficas, realizadas junto da Ribalta Companhia de Dança,¹ no âmbito do projeto de pesquisa *Habitante-criador: investigações dos modos de ser e habitar a cidade*,² coordenado pela autora, no Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. A Ribalta, na cidade de Ananindeua (PA), é um coletivo que atua há 20 anos com o pensamento em dança contemporânea, na investigação de movimentos próprios ao corpo dançante, consolidando sua experiência processual daquele que habita e cria no seu lugar de origem e encontrando procedimentos singulares desta poética, que vem sendo recorrentes na criação das obras cênicas e propulsores da experiência de habitar e criar danças na cidade nortista/Amazônica.

A poética habitante-criador inclui a percepção do seu próprio processo em todas as etapas. Aproximando a ideia de poética de Laurence Louppe (2012) a poética em dança implica no conhecimento das suas práticas, integrando ao movimento seus saberes e a materialização da obra como pensamento das experiências emotivas e sensitivas no corpo-espço do habitar.

Considerando que o processo está sempre se movendo na relação corpo-espço, percorrendo as experiências das percepções do campo, ou da própria vivência advinda da experiência como propôs Jorge Larossa-Bondía (2002) ao referir-se à experiência e o saber de experiência, como sendo o que nos passa, nos acontece ou nos toca. Destaco, nos textos a seguir, três dispositivos de investigação da poética do habitante-criador, recorrentes nos laboratórios corporais e pesquisas de campo e que emergem processualmente como forças poéticas nas pesquisas dos habitantes.

DISPOSITIVO 1: PROPÓSITOS DO HABITAR

Na tessitura do cotidiano,
a vida,
a memória e esquecimentos,
a (in)vocação aos fazeres,
a poesia
se entrelaçam em pesquisa
que opera
que potencializa
que tece a rede de encontros
aos narradores,
ao habitar e seus habitantes,
com o movimento criador,
permitindo que nossos itinerários
sejam tracejados
por uma travessia até o outro,
aos seus rios de memórias,
as águas como palco e personagem
ao fogo calórico da (r)existência
ao ritmo da vida
em táticas de economia solidária,
a-tua-ação em atuação
práticas culturais contemporâneas,
trajetórias artesanais de crer e viver,
que sempre nos convocou ao retorno às margens,
ao doce encosto do casco
próximo a superfície,
ao estado de bubuiar amazônico,
das preocupações no chão da maré,
de sentir o gosto da brisa e o ar de seus frutos.
O desvelar do olhar
nas copas das árvores que refletem no rio,
peso, tempo, espaço, fluxo de afetos,
por onde se vê a dança da vida,
Rio de meandros e segredos infinitos,
revoar das aves que embrenham o céu
e rabiscam a paisagem do meu devaneio,
amar, ao mar, ao local da cultura Amazônica.
E neste encontro,
ler a complexidade de suas paisagens
súgnicas, físicas e especialmente humana.
(Ferreira; Santos, 2016).

PROPÓSITOS DO HABITAR tem como premissa as histórias de vida como matéria-prima que articula os laboratórios. Nesta primeira etapa, o habitante-criador ressoa as habitações de si, uma força gerativa de escavações em nossas histórias pessoais, recuperando fragmentos, pedaços de história que ficam nas camadas inconscientes da pele, dos ossos, dos músculos, no entorno do corpo e no espaço de afeto.

Nos laboratórios do PROPÓSITOS DO HABITAR busca-se, inicialmente, o campo das relações, o potencial gerativo, uma sintonia afetiva do habitar, atravessando questões para refletir como estamos em nosso ambiente CorpoCasa coimbricados, como é sentir/dançar ocupando a nossa primeira

CasaCorpo nesse espaço, no ambiente onde estamos no aqui e agora. Também busca-se preparar o terreno próprio do habitante-criador para os sentidos do enraizamento, pois, ao experienciar as forças de enraizar-se em suas histórias, se estabelece os sentidos de pertencimento e se problematiza as relações corporais com o outro e o mundo.

Segundo Gaston Bachelard (2008), habitar é um enraizamento no mundo, como a casa é o nosso primeiro universo dotado de lembranças afetivas e todos que ali moram devem participar ativamente da construção dos espaços de moradia. Trata-se de um espaço coletivo que os habitantes transformam continuamente e dele se apropriam. Essas maneiras de habitar convivem simultaneamente em sua complexidade e particularidade na cidade. Para Henri Lefévre (2001) as maneiras de habitar são distinguidas das maneiras de uso do espaço, a exemplo das formas anunciadas como práticas espaciais que trazem os espaços concebidos por nós, pelo seu uso e forma física do espaço. A forma de representações do espaço traz todo aquele que planeja e projeta o território para os habitantes, ou seja, o administrador da cidade, urbanistas ou governantes, e também os espaços de representação dos habitantes que seria o habitar vivido pelo narrador local, pelo cidadão, pelo artista, por aqueles que produzem a cultura e a filosofia.

Na poética habitante-criador, o habitar e habitantes têm seus espaços de representações implicados com a natureza e a cultura, inter-relacionado com os elementos que lhe são próprios, como a terra e água em suas funções sociais e simbólicas. Estabelecem ligações, evocam e provocam experiências, produzem e revelam os sons, tecem o chão e equilibram as águas, “[...] não somente o corpo está no espaço, mas o espaço está no corpo, enquanto um irradia e interage com o outro” (Fernandes, 2006, p. 63).

Nesse movimento da vida cotidiana, o tratamento do habitante com seu habitar revela subjetividades dos PROPÓSITOS DO HABITAR, opções qualitativas que não só constituem as corporeidades do habitante, mas lhe dão cor, forma, situações e experiências pelas perspectivas em relação a identidade local, como o movimento habitual, o comum e o incomum, são alguns dos significados

que movimentam propósitos e geram reflexões no seu conjunto de atividades, permitindo aos habitantes-criadores relatar uma poética particularmente local, e de significativa diversidade em suas maneiras e práticas. Nesse sentido, o *locus* no qual estamos inseridos, o imaginário cultural amazônico, acompanha as ações e práticas das quais dispõem o corpo como campo da cultura e território na construção de subjetividades.

Essa experiência imersiva no propósito pessoal de habitar convoca uma sensibilidade de olhar o espaço próprio, num exercício contínuo de se ver de dentro, o que, nos exercícios poéticos corporais, temos associado à *kinesfera*, denominação dada por Rudolf Laban (1966) para potencializar o espaço individual levando a extensões variadas do movimento próprio, como uma esfera individual. Esse conceito está presente nas obras coreográficas da Ribalta Companhia de Dança como habitações, espaços que os criadores produzem cenicamente e para onde trazem aspectos significativos de suas histórias pessoais, conectando a experiência visível e a invisível do movimento. Um exemplo disto encontramos no espetáculo *Reminiscências*, que utilizou a cuia para ser a habitação dos objetos sagrados de cada habitante, e também no espetáculo *Retratações*, que usou caixotes para dar a razão de sentidos da habitação pessoal dos criadores, além de outras obras que já utilizaram objetos/habitações como plásticos bolhas, conduítes, tecidos, garrafa com flores, rede de pesca e outras composições de habitar/casa/corpo/espço.

O território da poética do habitante-criador é tecido pelas experiências do habitar a si, fazendo-se apreender na realidade local, de modo sensível, para então se ler, escrever, refletir e criar às maneiras de fazer e inventar a paisagem de uma pesquisa poética em movimento.

DISPOSITIVO 2: COHABITAÇÕES

Tem como premissa o contato com o outro e a identificação de habitações sensoriais que articula e dá visibilidade à experiência da alteridade. Neste dispositivo se propõe como corpo-relacional. O habitante-criador transita num percurso de habitações outras, reconhecendo movimentos do espaço no corpo e do corpo no espaço.

Essas COHABITAÇÕES convocam uma geografia multisensorial das relações do habitante-criador localizáveis, geograficamente, nos sentidos de presença sonoro, tátil, olfativo e em toda a complexidade da imersão corporal sensorial ao cohabitar corpo/espço. Habitando o espaço se descobre a sua dinâmica, pois cada habitação diz como deseja ser vista/vivida/dançada/habitada.

[...] trata-se de um espaço que o corpo encara como um outro corpo, um espaço como parceiro, se souber dominar seus espaços tensionais, pode inventar consistências e esculpi-las (o carving space de Laban, que se inicia com a modelagem do espaço de proximidade) (Louppe, 2012, p. 189).

As experiências de COHABITAÇÕES do habitante-criador busca uma habitação sensorial em movimento, se desdobrando a partir de acontecimentos moventes no seu corpo, afinal o corpo-habitante-criador é acontecimento dos seus processos relacionais. As COHABITAÇÕES, em suas práticas de uso do espaço para o habitante, desvelam as relações entre ambiente e natureza em codependência coletiva. É possível compreendermos uma rede de elos na troca ambiente-ambiente, ilhas-bairros, habitante-habitar, que potencializam os processos de movimento e mudanças com o meio na busca da linguagem pessoal de movimento.

Habitar e habitantes se encontram e constroem o mundo com os outros. Michel Maffesoli (1998a) afirma que procuramos proximidade com aqueles com quem nos identificamos, procuramos a companhia “daqueles que pensam e sentem como nós”. Nossas paixões, repulsas, convicções, opiniões, sentimentos, uma emoção coletiva estruturada no cotidiano, alcançam aderência em nossos laços sociais, permeiam os itinerários e a função de habitar.

As COHABITAÇÕES encontram na poética cotidiana o ato de narrar práticas comuns, acontecimentos pessoais, históricos, de memórias, de dados, impressões e experiências vividas. Assim nossos modos de percepção e reconhecimento da vida cultural são reabilitados em fluxo contínuo no tempo/espço da experiência, como via do imaginário estético-poetizante amazônico afirmada por João de Jesus Paes Loureiro (1995), no qual estou inserida através da poética do

habitante-criador, pelas experiências sinestésicas que tem me movido como professora, artista da cena e pesquisadora das práticas cotidianas no movimento do corpo como arte cotidiana.

Mergulho na profundidade das coisas por via das aparências, esse é o modo da percepção, do reconhecimento, e da criação pela via do imaginário estético-poetizante da cultura amazônica. Modo singular de criação e recriação da vida cultural amazônica. Modo singular de criação e recriação da vida cultural que se foi desenvolvendo emoldurado por uma espécie de sfumato que se instaura como uma zona indistinta entre o real e o surreal [...] (Loureiro, 1995, p. 68).

Investigar no corpo suas COHABITAÇÕES desvela esse modo singular de criação e recriação da vida do habitante-criador, e suas inter-ações no reconhecimento do lugar próprio, construindo uma visão do espaço dinâmico, com uma coleta sensorial de movimentos da geografia das relações.

É nesta etapa das COHABITAÇÕES que os exercícios poéticos expressam várias qualidades do movimento, o plano da experiência ganha as primeiras formas e composições, o nascimento do material/imaterial compõe-se em forças misturadas, do movimento dos ventos, do fluxo nos cursos das águas, das cores, cheiros e sabores da fauna e flora, dos encantamentos das águas dos rios e mares é o habitante-criador se reconhece o imaginário poético do lugar onde está habitando.

Estas experiências correlacionadas, coabitações corpo-ambiente, vêm traçar formas e estabelecer situações abertas no campo, com fluidez, num movimento de vai e vem, como uma dinâmica que convoca, nas relações das várias dimensões que se articulam, semelhante ao dos habitantes com suas próprias danças, como a do caminhante em seu habitar cotidiano. Nesse sentido é possível compreender um habitar no corpo em movimento, através do discurso pelo corpo “[...] priorizando o corpo e suas relações, e estimulando a livre expressão através da exploração criativa de princípios de movimento” (Fernandes, 2006, p. 18). No mesmo pensar imbricado (corpo e espaço) juntos, gerando movimentos, Regina Miranda (2008) considera *corpoespço* como unidade.

Essa bricolagem polifônica *corpoespaço* dialoga com um universo que se ergue sobre as águas e terras, lendo, escutando, refletindo, movendo danças e sentindo as possibilidades de relatar “um discurso que seja memória e prática juntos, em suma, o relato do tato” (Certeau, 2014, p. 149). O relato é a poética da arte de *lerescutarrefletirsentir*, sobre a força desses relatos que se materializam em coleta sensorial de movimentos. Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998), enfatiza a necessidade das narrativas de subjetividades originárias e iniciais em focalizar momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais, dando relevo às sociais e temporais.

[...] esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p. 20).

Esse discurso cultural faz emergir o discurso performativo pelo habitante, a representação da sua territorialidade e um lugar na temporalidade, que, entre o performativo e o pedagógico, desvela-se nos usos de referenciais culturais de seu movimento, elementos gestuais e maneiras de habitar.

Sob o olhar do natural, a região se torna um espaço conceptual único, mítico, vago, irrepetível (posto que cada parte desse espaço não é igual ao outro), próximo e, ao mesmo tempo, distante. Seja para os que habitam as margens desses rios, que parecem demarcar a mata e o sonho, seja os que habitam a floresta, seja ainda para os que habitam os povoados, vilas e as pequenas cidades [...] (Loureiro, 2003, p. 28).

O cotidiano assume nesses escritos uma perspectiva de aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão de seus habitantes-criadores, enfatizando relações recíprocas e compartilhadas entre o eu/outro/mundo (*corpohabitantemovimento*) sensíveis às pluralidades e heterogeneidade de práticas poéticas cotidianas.

As COHABITAÇÕES estarão, nesta etapa, desenvolvendo discursos poéticos da possibilidade na experiência do movimento, o habitante

reinventando-se no diálogo do corpo-espaço tridimensional, produzindo sentidos na criação sensível de mundos, e na busca infinita dos movimentos em estado da experiência da ação, sensibilizando e criando com dinâmicas variáveis junto as qualidades do peso, espaço, tempo e fluxo, consequentemente surgindo práticas individuais e coletivas, provocando forças e “inúmeras direções radiam do centro do nosso corpo e sua cinesfera para o espaço infinito” (Laban, 1966, p. 17).

COREO-HABITAÇÕES - CORPORATURAS DA CRIAÇÃO

Nesta etapa a premissa é a descoberta de uma assinatura corporal do habitante criador, através das proposições coreográficas, com modos de inventar, acessar e ativar a dança-por-vir. O processo criativo é o espaço privilegiado do entendimento, no corpo, da poética em si do habitante-criador, quando conceito e criação se remetem um ao outro.

[...] criar é fazer surgir, brotar, formar, configurar. Imaginação é a faculdade de imaginar, representar, evocar imagens já percebidas, criar ou inventar. O imaginário é o terreno/corpo onde habitam nossas memórias, ideias e conteúdos e a partir de onde se corporificam as linguagens. O imaginário criativo é a imaginação criativa do artista corporal, os motivos, os impulsos, os conteúdos, as ideias, os muitos “os quês” do que vamos manifestar em cada criação. É onde cada artista toma consciência do que quer expressar e dos motivos dessa expressão (Lobo; Navas, 2008, p. 31).

Os habitantes-criadores têm uma maneira peculiar de ser-estar-habitar a cidade, eles habitam criando obras cênicas e têm em suas narrativas dos lugares como paisagens poéticas de movimento, trazendo gestualmente as formas de se relacionar do habitante com seu cotidiano cultural, que se deixam atravessar pelos feixes dos valores e crenças que legitimam seus espaços de encontro onde vivem, atuam e criam obras coreográficas.

Um desses desdobramentos, na prática poética do coletivo da Ribalta, está no âmbito cênico e literário na obra *Habitante-criador: processos criativos da Ribalta Companhia de Dança*, advinda de uma organização coletiva de artistas ananindeuenses, que conceituam aspectos da criação no habitante

Ananin a partir de uma tríade de obras cênicas: Florescer, Ilhas e Retratações. Essas obras foram concebidas em percursos imersos nos logradouros da cidade entre as ilhas e bairros Ananins “aquele que tem nas suas histórias de vida a matéria-prima que articula a sua criação” (Ferreira; Santos, 2016, p. 12).

A dança do habitante-criador é um espaço vibrante do pensamento do habitar, um plano de composição aberto, criativo, dinâmico, inventado e interferido pela dança singular de cada trajetória, com o corpo-no-fazer habitante. Aqui nos aproximamos do ideal de Erin Manning para um movimento do pensar a dança:

[...] o que a dança nos oferece são técnicas para destilar da tessitura do movimento total uma qualidade que compõe uma corporificação em movimento. Essa qualidade é uma vibração existindo como um movimento do pensamento. Não um pensamento que repousa fora do movimento-movente, mas um pensamento que compõe-se com o movimento, com o corpo-no-fazer (Manning, 2024, p. 40).

A dança do habitante-criador é um corpo-no-fazer, dando a ele os sentidos de um movimento dentro daquilo que o ambiente relacional convoca. A experiência dançada faz perceber a processualidade dos espaços/objetos/habitações que se dança, criando uma composição coreográfica de relações se estendendo para além de um palco, mas todo o campo de forças do habitante-criador no seu lugar de habitação. As COREO-HABITAÇÕES trazem a assinatura corporal, uma corporatura cultural, técnica, estética, poética abrindo possibilidades de dialogar com a dança enquanto co-locações, co-dependências, des-locações, re-locações, co-moções, co-propriedades, como modos inventivos de dançar, existir e relacionar, nos dispositivos dos exercícios poéticos da criação que são atravessados pelas corporeidades, corporaturas corpoterra, corpoágua, corpomata, corpoar, corpos amazônicos. A seguir, escolho apresentar reflexões na corporatura-corpoterra e na corporatura-corpoágua.

CORPORATURA-CORPOTERRA

A assinatura corporal CORPOTERRA abre-se na apreensão sensível do lugar como via de compreensão da terra enquanto corporeidade

amazônida. O corpoterra tem sua construção cotidiana na gestualidade dos seus habitantes, na qual o sentido de habitar é, primeiramente, no próprio corpo, logo é o lugar onde também passa a habitar o criador. Como afirma Merleau-Ponty (1999) “o encontro com o que nos afeta (seja lugar, pessoa, ideia) só é possível pelo corpo; meu corpo me informa sobre o aparecer dos fenômenos”.

Inicialmente, a terra para o habitante é a matriz que concebe as fontes de sobrevivência, um horizonte sempre novo a ser pisado, conquistado e territorializado em suas habitações. O povo cresceu plantando suas sementes sob a terra, fixando casas e sonhos, aterrando sentidos e significados, gestualizando o viver nesta região.

O início da constituição coreográfica pela via da terra é como retalhos de memórias vivas do corpo/casa/bairros, propósitos e coabitações, a partir das histórias e memórias de crescimento da cidade. É a conquista pela terra percorrendo as construções dos sujeitos que construíram suas habitações, multiplicaram-se entre os bairros e as ilhas, no íntimo das coisas e de si mesmo, constituindo uma maneira própria de autonomia do uso do espaço-tempo.

A corporatura corpo-terra se metamorfoseia em ruas, vias e estradas, na potência de trocas e transformações pela presença da terra, pelo encontro convocado no caminhar na rua, na terra barrenta de uma Ananindeua multiplicada em bairros periféricos e outros horizontes em deslocamento, onde o habitante pisa e trabalha.

Nossas dinâmicas corpoterra vem trazendo características do cotidiano cultural que ainda sofrem um processo de adaptação contínuo, influenciando e se deixando influenciar, passíveis de serem observadas diante das fronteiras humanas, ao nível das atividades produtivas, na cultura e na educação refletidas nas dimensões da mesma realidade, no corpo e com o corpo, ou ainda no corpo despertado por associações de outros corpos. A percepção é via da co-presença entre corpo e mundo.

A invenção do habitar e do habitante reforçaram a relação do sujeito e o lugar, do narrador e a cidade, operando fusões e formando o corpoterra, como lugar que nos habita. Ao mesmo tempo é o corpo próprio de significados em cada ser na ação de

pertencer, cultivar, ser constituído como cultivo de natureza/cultura e nesse habitar poder construir e criar, com o Habitante-criador que é homenatureza, vivenciando a força, o dinamismo e a resistência no corpo. O corpoterra, sensível à história e memória de constituição dos seus habitantes, se reflete nas práxis desses sujeitos.

O solo sensível do corpoterra se metamorfoseia em habitações estabelecidas pelas diversas relações do sentimento do habitante-criador com seu espaço, parafraseando Leonardo da Vinci “todo conhecimento começa pelo sentimento”. A indissociabilidade corpo/terra encontra no coletivo a pertença do lugar e suas implicações da ordem do invisível/visível de caminhos que sempre acompanharam as experiências do cotidiano. Via corpo do habitante, nós sabemos o mundo ananin, renovando-se a si mesmo, como um campo da cultura e manifestações de nossa condição *corpoAnanin/terra*.

CORPORATURA CORPO/ÁGUA

O rio apresenta o caminho das águas dos habitantes-criadores no processo de “buscar-se”, por seu olhar próprio de andar, nadar, dançar pelo ritmo da maré que define o percurso da atividade do dia e na invenção de espaços que revelam a alma de seus habitantes. Nesse sentido, o processo de percepção do lugar amplifica as maneiras de se ver, como pontua o filósofo Gaston Bachelard (2008) quando apresenta o espaço enquanto “instrumento de análise para a alma humana”.

A corporatura CORPOÁGUA constitui uma realidade labiríntica na Amazônia. As regiões insulares entrelaçam-se produzindo teias familiares que dão vida ao caminho de canoa, barcos, rabetas, pô-pô-pô,³ cascos e aos pequenos habitantes-criadores-ribeirinhos que, antes mesmo de começar a frequentar a escola, já dominam o estudo do tempo, e sensivelmente sabem quando vai chegar a chuva, a seca, o calor, o inverno, as marés altas e se o rio tá pra peixe.

O corpoágua vem dançar o ritmo da vida ribeirinha com narrativas à beira da água e outras ainda submersas para outros encontros a serem desvelados. A Coreo-habitação dos caminhos das águas é também a materialização do imaginário humano. A palavra imaginário se grafa no latim

como imaginariu e significa a capacidade que todos nós temos de criação por imagens mentais sobre objetos, lugares, pessoas e histórias. A força criativa do imaginário cultural é ao mesmo tempo simplicidade e complexidade, e reverberam nas águas que trazem os sonhos, os devaneios e as narrativas do imaginário ribeirinho das lendas amazônicas cultivadas nas comunidades como herança de pais para filhos: o belo homem-peixe de chapéu cobrindo a cabeça, que encanta moças podendo deixá-las grávida nas noites de lua cheia (a lenda do boto); a grande cobra negra que devora crianças e adultos e tem olhos que “alumiam” feito tochas (a lenda da boiuna); a velha com unhas compridas e vestida de preto soltando um assobio assustador que anda pelas ruas durante a noite (a lenda da matita perê). Essas e outras lendas do imaginário caboclo se concretizam no mundo poético do “líquido sagrado”.

Para Gaston Bachelard (1998), a imaginação desenvolve-se em duas linhas, uma que dá vida à causa formal e uma que dá vida à imaginação material. Porém, há obras, como nesta poética, em que as duas forças imaginantes atuam juntas no sentido de coexistência.

A água, esse líquido universal submetido às leis do inconsciente, sugere um líquido orgânico. A água extraordinária, a água que surpreende o viajante, as aventuras que querem geográficas. Se ela é matéria fundamental para o inconsciente, então deve comandar a terra. É o sangue da Terra. A vida da Terra. É a água que vai arrastar toda a paisagem para o seu próprio destino. Em particular, uma determinada água, um determinado vale [...]. A inquietação mais cedo ou mais tarde, deve surpreender-nos no vale. O vale acumula as águas e as preocupações, uma água subterrânea o escava e o trabalha (Bachelard, 1998, p. 57).

Encontrar a água para o habitante-criador é autoconhecimento no plano da intimidade pessoal, do experimentar a água como a grande metáfora da vida, pois dela gestam as relações reais e imaginárias das narrações orais, fluviais e florestais. A água constrói a corporeidade do habitante-criador que se volta para a cidade-rio para viver o pensamento do corpo líquido ribeirinho. Apresentada por Gaston Bachelard (1998) como líquido universal, a água tem ressonâncias nas dimensões mais subterrâneas com habilidades de

comandar a terra e suas paisagens, bem como as inquietações da alma.

Corpoágua e imaginário são metamorfoses de suas sociabilidades amazônidas, possuindo e reconstruindo estruturas e histórias edificadas por todas as experiências vividas, como afirma Gilbert Durand (2002), ao considerar o imaginário como o “museu” de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir, nas suas diferentes maneiras de produção e recepção.

Nesse sentido, o imaginário traz ao habitante-criador um equilíbrio diante da percepção da temporalidade. As imagens que advém das corporeidades que o constitui culturalmente estão impregnadas de significações particularmente locais da comunidade vivida e renova-se por meios do seu processo de criação, dos seus saberes e práticas que emergem como movimento criativo e estarão na estética da obra cênica.

CORPORATURAS DA CRIAÇÃO

A força da criação coreográfica daquele que habita seu espaço e cria sobre ele, na experiência da abertura de contatos, no movimento do imaginário, nas relações existentes entre os homens e a natureza, e entre os homens e o universo. O contato corporal com a terra e as águas são receptores de significados que ultrapassam as funções da partitura do movimento, mas decorre das necessidades. É sobrevivência material e espiritual.

No exercício de (re)criação pela experiência, os movimentos poéticos provocam reflexões para além da natureza geográfica. Eles estimulam a potência coreográfica e também dos afetos, das emoções e ações das práticas que promovem a construção do imaginário poético habitante-criador em sua ligação com o lugar.

A assinatura corporal de uma nova criação marca uma poética do imaginário como se gestualizassem e sonorizassem as narrações dos seus habitantes locais, constituindo conexões diretas e os fluxos da vida em toda sua intensidade. Como um elemento mediador, as águas gestam as relações dos narradores com o lugar e na criação de suas práticas culturais e sócio espaciais, fluindo trajetos e aprofundando memórias.

O processo criativo se aproxima do Ensaio sobre a imaginação das forças, de Gaston Bachelard (2001), que considera a água para além de sua função material, pois possui cores, sabores, cheiros e muitas vozes. Como uma experiência onírica num devaneio, Bachelard classifica as águas como claras e as mais escuras, enquanto lembranças de alegrias e dores que advém das qualidades de movimento nas relações entre os habitantes. Criar e habitar sob as águas e terra é se formar em diferentes territórios de viver, é conduzir modos de ser, trocar, alimentar, amar e multiplicar. São catalisadores que se tornam responsáveis por um espelhamento do mundo onde navegam, habitam, se constroem e significam histórias.

O habitante-criador conecta fluxos de movimentos, especialmente nos atravessamentos sensíveis de uma paisagem a céu aberto, da expressividade da ação dos que flutuam ao sabor das águas do rio que sempre corre. O mesmo rio habitado pelos narradores encantados, da terra barrosa desvelando o que há de mais submerso e das intermináveis e incontáveis histórias entre caminhos das águas e das terras, por conseguinte, da navegação dentro de si mesmo para fazer emergir uma dança particularmente deste estado sensível de habitação.

A cultura amazônica talvez represente, neste final do século, uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza, se reflete e ilumina a cultura. Cultura que continua sendo, como uma luz aurática brilhando, e que persistirá enquanto as chamas das queimadas florestas, provocadas pelas novas empresas que se instalam, com a entrada do grande capital na região e a mudança das relações dos homens entre si, não destruírem, irremediavelmente, o lócus que possibilita essa atitude poético-estatizante ainda presente nas vastidões das terras-do-sem-fim amazônico. Forma de vivência e de reprodução que tendem a permanecer vivas e fecundas, na medida em que sobrevierem no espaço amazônico as condições desse lócus, no qual a presença humana, do índio ao caboclo atual, encontrará meios para uma produção poetizante da vida [...] (Loureiro, 1995, p. 73).

A singular relação de criação entre o habitante e natureza ilumina ações amplas de coletividades extensas numa abordagem afetiva como vínculo social com o lugar e os modos de agir, criar e

dançar com os recursos da natureza, a sua própria natureza. O habitante sente a natureza em sua condição fundamental da vida, ao mesmo tempo que tem a necessidade de produzir e criar espaços por meios instrumentais e sociais.

Nesse sentido, vale ressaltar a influência do manejo de artefatos que se tornam uma cenografia cênica-criativa do habitante, instrumentos usados entre as águas e terras nos desenvolvimentos artesanais, técnicos, sociais, e as consequências de sua percepção simbólica na vida do habitante-criador. A relação entre técnica e água engloba também mecanismos trazidos pelas urbanidades que invadem a paisagem de seus rios. O mesmo espaço que abastece provoca estranhamentos para terras que vivem sob o regime entre marés, enchentes, cheias e vazantes.

Os artefatos dos habitantes urbanos e das ilhas são estruturadores de uma vida marcada por singularidades, imbuídas de saberes e tradições construídas de uma maneira prática do observar e do fazer diante das vontades ou necessidades de ser no seu território de criação.

ASPECTOS CONCLUSIVOS

A poética do habitante-criador se reafirma no ato de habitar como centro de criar mundos, na identificação local a partir da assinatura corporal de uma dança de movimentos próprios em suas expressividades artísticas, físicas, afetivas e espirituais. Experimentada simbolicamente pelas vias da corporeidade e suas comunicações da

existência: *corpoterra*, *corpoágua*, *corpomata* e outras coreo-habitações intrínsecas de quem vive e cria sob seu lugar de origem. Uma contínua criação que prioriza a originalidade e a identidade corporal do habitante.

Na poética há a presença dos impulsos que libertam o corpo. Há uma identificação de possibilidades e habilidades em compor afetos com a vida da comunidade na realização de uma humanidade latente do habitante, considerando o modo de ser sensível próprio e das imprevisibilidades de nossas realidades complexas que se assemelham às formas pelas quais a vida se forma em si mesma e se encerra na morada subterrânea: umbigo do mundo habitante-criador.

Consideramos a dança como uma forma de discurso da escrita poética do habitante-criador e como um dos caminhos reverberados pelas conexões ordinárias do movimento cotidiano. E ainda como pontos de apoio entre a arte e ciência e suas interfaces poéticas, que se nutrem na combinação de procedimentos criativos. A construção criativa do conhecimento sensível nos aspectos constitutivos do habitante está nos exercícios poéticos, que vem ao encontro dos múltiplos modos expressivos de compreender os dispositivos ressaltados neste artigo em suas maneiras de partilhar nossos saberes e fazeres.

As corporeidades em sua subjetividade poética decorrem de uma mesma força de compressão, o corpo-habitante-criador em sua potência de pensamento apreendida no ato da experiência na cidade, na escrita, no movimento poético da cena e em todas as suas formas de ser. Uma linguagem corpo-a-corpo como afirmação de si e da natureza de suas forças.

O habitante-criador é a “prosa do mundo” de que falava Merleau-Ponty, englobando o discurso da experiência que leva o homem alcançar-se entre os (des)limites das linguagens. Há, então, o alcance da cumplicidade na corporeidade do seu habitar.

Considerando que os saberes e práticas de uma cultura científica também começam por uma catarse afetiva, assim comecei a investigação da poética habitante-criador, a partir da cidade que habita em mim, na contemplação do sol na água, da terra que emana sabores e cheiros, da natureza que canta e dança. Juntas evocamos e mobilizamos os caminhos pela vida cotidiana de habitar e criar na trama da experiência sensível.

A correlação dessas experiências como habitante, permitiu compreender a cultura local, habitando na cidade urbana e insular, em seus próprios termos, me aproximando efetivamente do campo pesquisado e inserida, não como uma observadora distante, mas como participante. Na simultaneidade de sentidos na qual a corporeidade revela o movimento, apresentou-se as coreo-habitações em diversos níveis do real. Um corpo aquático, terrestre e florestal, sendo um habitante em suas simultaneidades que variavam com o espaço/tempo do ambiente. Esta profundidade nas dimensões de suas corporeidades expõem as complexidades do tecido social.

Há um longo caminho a ser percorrido no desvelar da poética do habitante-criador. Mas este ensaio memorial potencializa os caminhos das terras e das águas com poeira ainda nos pés. Foi possível revisitar a memória de várias experiências coletivas para toda uma geração de habitantes artistas Amazônidás-nortistas-paraenses-ananindeuenses.

Essas identificações no percurso foram disparadoras para o disposto I (PROPÓSITOS DO HABITAR) trazendo as histórias de vida como matéria-prima na articulação dos processos de criação, auxiliando no encontro de enraizamentos de passado, que provocam emanações aos sentidos e significados cotidianos na compreensão de habitar, vivida ao mesmo tempo em que é pensada.

As COHABITAÇÕES entre as corporaturas do corpoterra ao encontro da experiência em terra barrosa, e na corporeidade da presença junto ao passado, ao outro e ao mundo. E as corporaturas corpoágua, sentindo meu cabelo ainda molhado com gotas de rio, fui diluída pelo líquido imaginário da região insular.

Essa presença do imaginário, neste artigo, foi inspirada no movimento que o habitante produz com dinamismo, afetividade e uma energia particularmente cultural que os torna relacionados entre si e associados a outros. Uma experiência do sentir como maneira de saber concreto da natureza onde a unidade do habitante é vivida.

Viver a poética do habitante-criador é apreender-se na paisagem do som, podendo visualizar o barco chegando sem mesmo vê-lo, ou a espécie de animal próximo nas águas e nas matas, ou ainda o estado climático pela cor do dia, pela intensidade do vento e pelo brilho do sol refletido. Habitar e criar na experiência da qualidade do movimento sensível que produz uma organização corporal de ver, ouvir, sentir o mundo que está na frente.

A experiência corporal da poética do habitante-criador desvela gestos, comportamentos, estilos, modos de produzir e outras expressividades das sociabilidades existentes, que evocam seu rio próprio de existir, em seus modos de vida e de produção entrelaçados, agindo como mediadores das relações de pertencimento.

No processo de encontro, dos saberes e práticas, as corporeidades se desvelavam, apreendendo texturas internas pelas convivências partilhadas

com os coletivos que resistem para fazer valer seus modos de conduzir a vida. Seus saberes cotidianos e ordinários circulam na floresta, nas águas e terras da cidade. Leio esses encontros do habitar no sentido do presente, renovando-se, em redes de trocas necessárias a sua/nossa existência física, espiritual e de várias naturezas.

O movimento poético do habitante-criador é uma parcela do nosso ser-no-mundo em constante movimento de transformação, de modo que ao falar, enquanto vivo isso, contemplo também minha própria trajetória. Assim me reconheço na direção de movimentos outros do meu ser habitante-criadora, instigado a repensar não só nossas criações cênicas, mas também nossas atuações na cidade como um processo cotidiano que se concretiza no corpo de movimento.

As várias habitações percorridas me fazem lembrar de quem sou, e a poética habitante-criador é uma das chaves para este encontro, como uma qualidade de relacionamento retomado no aqui e agora, entre meus pares. Os exercícios poéticos geram mais autonomia de minha corporeidade ananin-amazônica, protagonista de saberes e práticas de minha habitação-criadora no mundo.

Sem pretensão de esgotar o assunto, os dispositivos ainda estão a se reconhecer em outras dimensões das corporeidades, porém, a escuta do corpo é uma condição de sobrevivência para o habitante-criador, elas são vividas em suas multiplicidades no movimento cotidiano, e a cada vida gerada seja nos bairros ou nas ilhas elas se redimensionam no desenvolvimento de outros saberes e práticas processuais de criação.

No desejo de expressar várias vozes de habitantes-criadores, compartilhando caminhos contra o esquecimento da nossa gente de rios, das danças contemporâneas das florestas e terras amazônicas. As emoções vividas durante os itinerários de ser habitante-criadora se imbricaram a todo tempo no pensamento de criação dançado em metamorfoses dos espaços habitados.

A poética do habitante-criador em construção é como flor-fruto alimentando as capacidades e os trajetos do coração, especialmente pelos pares habitantes do percurso em nossas frequentes sintonias de energias. Com as águas dos rios correndo dentro e fora, me sinto nutrida e

desejosa de horizontes outros dos elos de natureza habitante-criativa, ainda mais pulsante. As corporeidades vividas, ao longo desses anos, me tornaram uma habitante-criadora mais curiosa sobre a humanidade em nossos enraizamentos de mundo. Meu umbigo tá enterrado aqui!

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 21. ed., v.1. Petrópolis: Vozes, 2014.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento**: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2006.

FERREIRA, Mayrla Andrade. **Da casa de contato à dramaturgia do contato**: experimentações e reflexões na casa Ribalta. Dissertação (Mestrado em Artes), Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: <<https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/disserta%C3%A7%C3%B5es/2010/Mayrla%20Andrade%20Ferreira.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2024.

FERREIRA, Mayrla Andrade; SANTOS, Lindemberg Monteiro dos (org.). **Habitante-criador**: processos criativos da Ribalta companhia de dança. São Paulo: Fonte editorial, 2016.

LABAN, Rudolf. **Choreutics**. London: MacDonald and Evans, 1966.

LARROSA-BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2024

LEFÉBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOBO, Leonora; NAVAS, Cássia. **Arte da Composição**. Teatro do Movimento. Brasília: LGE Editora, 2008.

LOUPPE, Laurence. **Poética da Dança Contemporânea**. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Meditação e devaneio**: entre o rio e a floresta. Somanlu, ano 3, n. 1/2, jan./dez. 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANNING, Erin. **Sempre mais que um**: a dança da individuação. São Paulo: Glac edições, 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Regina. **Corpo-espaço**: aspectos de uma geofilosofia do corpo em movimento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

¹ Criada em 2004 na cidade de Ananindeua (PA), a Ribalta Companhia de Dança é o primeiro coletivo de artistas cênicos ananindeuenses a produzir obras de dança-teatro sobre a história da cidade. Em 2016, a companhia publicou o livro *habitante-criador* com registros literários sobre os espetáculos. A Ribalta desenvolve uma linguagem de pesquisa em dança contemporânea, fundamentada na dramaturgia pessoal do habitante-criador, que tem nas histórias de vida o cotidiano articulador para a sua composição coreográfica.

² Este projeto integra o grupo de pesquisa *HABITANTE-CRIADOR: Núcleo de estudo e pesquisa artística na Amazônia* (UFPA/CNPq) e o presente texto apresenta dados parciais de investigação do conceito poético do Habitante-criador atravessado por reflexões de práticas artísticas enquanto pesquisa em seus modos de ser e habitar na Amazônia. O grupo vem contribuindo com estudos em linhas de pesquisa como: 1) Cohabitações corpo-espço: territorialidades e cartografias na Amazônia; 2) Corporaturas: ancestralidade, memória e narrativas na Amazônia; 3) Práxis corpo-habitante: a arte-educação no lugar que se habita; 4) Habitar-criar: poéticas e processos de criação, atuação, transmissão e recepção em artes. O núcleo tem trabalhado em parceria com a Casa Ribalta, em Ananindeua (PA), e artistas-pesquisadores populares e os das esferas pública e privada.

³ Nome dado aos pequenos barcos a motor que navegam na região amazônica. O nome também faz alusão onomatopaica ao ruído que fazem.

SOBRE A AUTORA

Mayrla Andrade Ferreira dos Santos é artista, professora e pesquisadora efetiva na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA) atuando no curso técnico e na graduação em dança e no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA. É doutora em Educação, mestra em Artes, especialista na metodologia Angel Vianna e em Análise do Movimento no Sistema Laban/Bartenieff pela FAV (RJ). Diretora artística da Casa Ribalta (PA), coordenadora do grupo de pesquisa *Habitante-criador: Núcleo de estudo e pesquisa artística na Amazônia* (UFPA/CNPq), e membra do conselho internacional de dança da Unesco. E-mail: mayrla@ufpa.br

Recebido em: 15/12/2024

Aprovado em: 30/04/2025